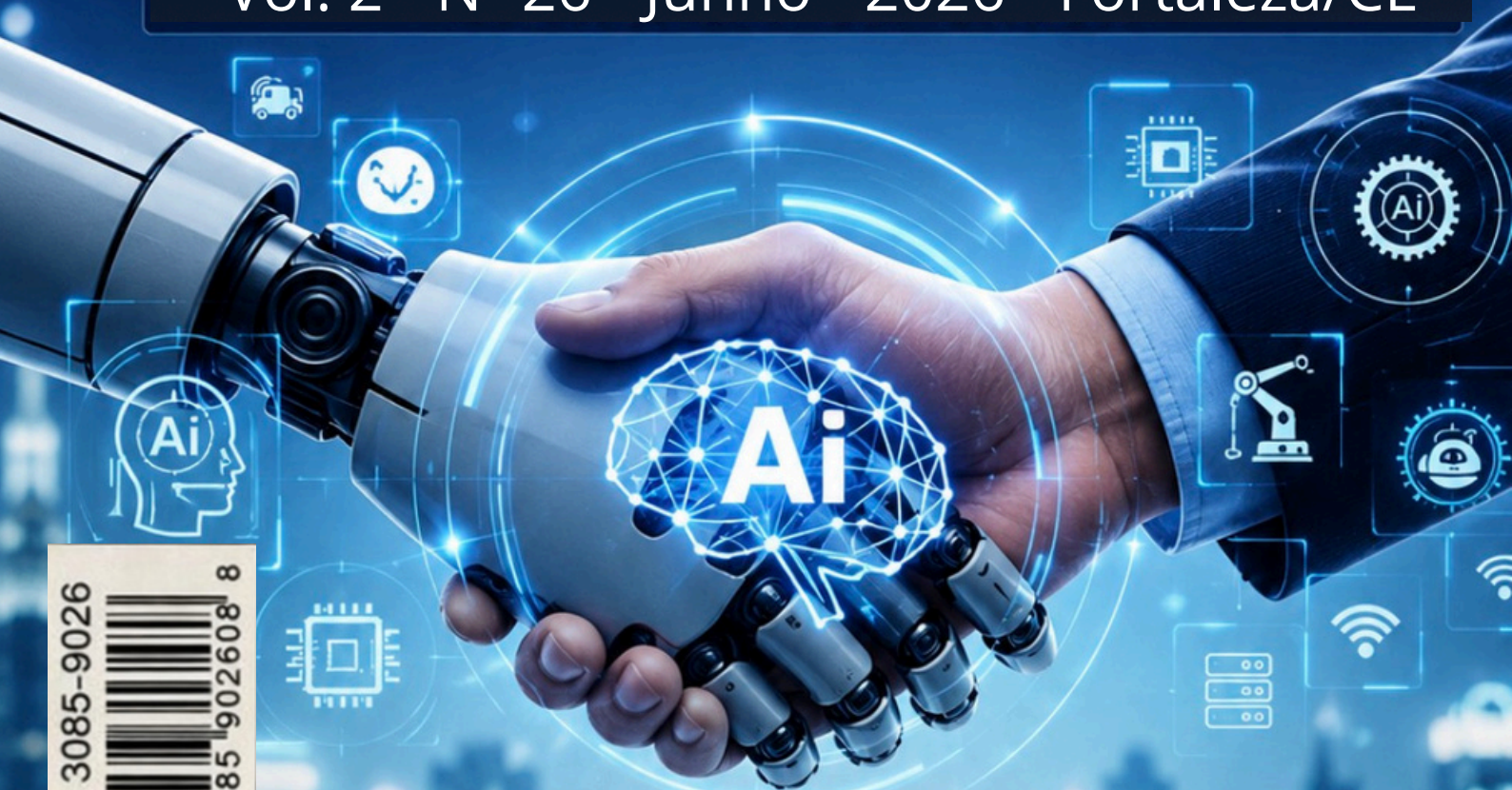


REVISTA

VOZ DA PALAVRA

Vol. 2 - Nº 26 - Junho - 2026 - Fortaleza/CE



EVOLUÇÃO OU PERDA DA MEMÓRIA?

Quando a **tecnologia lembrar** por nós,
o que deixamos de **lembrar** por conta própria?



**MENOS MEMÓRIA
NA MENTE?**



**MAIS TECNOLOGIA,
MAIS CONFORTO.**



**DESAFIO:
EQUILÍBRIO HUMANO.**

ISSN 3085-9026

Revista Voz da Palavra



Volume 2

E-mail: profgilsonpontes4@gmail.com

Contato: (85) 9 9648-2190

Junho - 2026/Fortaleza/CE

Editores

Gilson de Albuquerque Pontes

&

Pedro Blum de Moura

Copyright © Revista Voz da Palavra

Um Espaço Especial para Destacar os Autores



Gilson Pónthes



Pedro Blum

Escritores e Poetas Nesta Revista

- Baltazar Serra Branca
- Bernivaldo Carneiro
- Gilson Pónthes
- Marcelino Luis
- Pedro Blum

EXPEDIENTE

Presidente: Gilson de Albuquerque Pontes
e Vice-Presidente: Pedro Blum de Moura
Revista: Voz da Palavra
Editor Chefe: Gilson de Albuquerque Pontes
Criadores da Revista: Gilson de Albuquerque Pontes
e Pedro Blum de Moura
Revisão: Emmanuela A. Amaral de Moura
Design e Diagramação: Gilson Pónthes
Ilustrações: Gilson de Albuquerque Pontes
Colaboradores desta revista:
Redes Sociais: Site, Instagram,
Facebook, Google e WhatsApp

NOTA

Todos os textos e imagens
publicadas
são de responsabilidade
da revista.

A reprodução é permitida somente
com autorização por escrito.

site: revistavozdapalavra.com.br



@voz.da_palavra

ENQUANTO A TECNOLOGIA
ACELERA O MUNDO,
A LEITURA
APROFUNDA
O
PENSAMENTO.

EDITORIAL

Entre a memória humana e a inteligência artificial

Chegamos à 26ª edição da Revista Voz da Palavra em um momento singular da história. Nunca a humanidade teve acesso a tanta informação, tanta velocidade de comunicação e tantas ferramentas capazes de auxiliar o pensamento humano. A inteligência artificial, antes restrita aos filmes de ficção científica, agora faz parte do cotidiano de milhões de pessoas.

Diante dessa realidade, surge uma pergunta inevitável: estamos vivendo uma extraordinária evolução tecnológica ou abrindo mão de capacidades que sempre fizeram parte da experiência humana?

Nesta edição, convidamos nossos leitores a refletir sobre o papel da memória em uma sociedade cada vez mais conectada. Durante séculos, homens e mulheres confiaram na própria mente para guardar histórias, conhecimentos, números, datas e experiências. Hoje, grande parte dessas informações encontra-se armazenada em dispositivos eletrônicos, servidores e sistemas inteligentes.

Não se trata de condenar o progresso. A tecnologia trouxe avanços extraordinários para a educação, a saúde, a comunicação e a produção do conhecimento. O desafio está em encontrar equilíbrio.

A mesma ferramenta que amplia nossas possibilidades não deve substituir nossa capacidade de pensar, criar, recordar e refletir.

A Revista Voz da Palavra acredita que o futuro será mais promissor quando a inteligência humana e a inteligência artificial caminharem juntas, sem que uma anule a outra. A tecnologia pode acelerar processos, mas continua sendo o ser humano quem atribui significado às palavras, aos sentimentos e às escolhas.

Que esta edição desperte questionamentos, inspire diálogos e fortaleça a busca permanente pelo conhecimento. Afinal, a verdadeira evolução não está apenas nas máquinas que criamos, mas na maneira como escolhemos utilizá-las.

Editores

Gilson Pónthes & Pedro Blum

Sumário

Antes da Palavra - Baltazar Serra Branca	07
Evolução ou Perda da Memória? - Baltazar Serra Branca	08
O que o Silêncio Sabe - Gilson Pónthes	09
O Sabor do Wi-Fi - Bernivaldo Carneiro	10
Festas Juninas - Pedro Blum	11
Benevolente - Ana Lessa	12
Espelho - Ana Lessa	12
Entre Lendas e Verdades: A Luz da Lagoa - Gilson Pónthes .	13
Olha a Cobra, É Mentira! - Gilson Pónthes	14
Minibiografia - Marcelino Luis	15
Isso é Cachaça? - Marcelino Luis	16
Amigos da Onça - Marcelino Luis	17
Amigos da Onça (continuação)	18
Desafio ao Leitor	19
Serviços Editoriais	20

Antes da Palavra

Naquela manhã, o mundo ainda não tinha dito nada.
Nem o vento, nem a luz, nem a terra.
Tudo parecia suspenso, como se aguardasse algo que não vinha.

Ele chegou sem pressa, mas não por calma.
Havia dentro dele um peso antigo, desses que não fazem barulho — mas ocupam tudo.
Parou diante da paisagem como quem procura um começo.
Mas não havia começo ali.
Só chão duro, céu aberto e uma verdade sem disfarce.

Tentou organizar o pensamento. Dar nome às coisas.
Mas percebeu cedo: o que doía ainda não cabia em palavra.

O vento passou. Não trouxe alívio — trouxe movimento.
Levantou o que estava quieto, exibiu o que estava escondido.
Há coisas que existem antes de serem ditas — e são essas que mais pesam.

Sentou-se no chão áspero e riscou a terra.
Sem linguagem. Sem forma. Apenas gesto.
E algo começou a sair.

O sol subiu. Não exigiu resposta. Apenas mostrou.
Ele se levantou devagar.
Nem tudo precisa ser dito para deixar de ser silêncio.

— Baltazar Serra Branca

Evolução ou perda da memória?

A antiga máquina de escrever exigia atenção, concentração e memória. Quem escrevia precisava conhecer as regras da língua, revisar cuidadosamente cada linha e evitar erros, pois corrigi-los nem sempre era simples.

Com a chegada dos computadores, celulares e da inteligência artificial, escrever tornou-se mais rápido e prático. As máquinas passaram a armazenar informações, corrigir textos, lembrar compromissos e responder perguntas em segundos.

Essa evolução tecnológica trouxe benefícios inegáveis para a sociedade. No entanto, surge uma reflexão: estamos ampliando nossa capacidade de aprender ou transferindo parte da nossa memória para as máquinas?

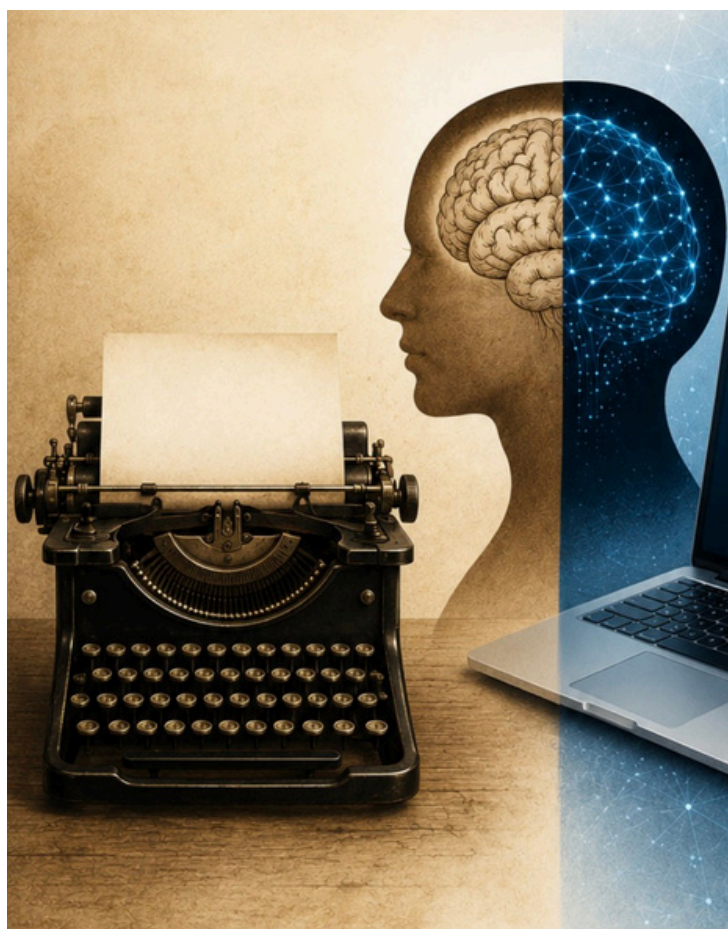
Hoje, muitas pessoas já não decoram números de telefone, endereços ou datas importantes, confiando que os dispositivos farão isso por elas. A tecnologia guarda cada vez mais informações, enquanto o ser humano corre o risco de exercitar

menos sua própria memória.

Talvez a questão não seja escolher entre passado e futuro. O verdadeiro desafio é encontrar equilíbrio: aproveitar os avanços tecnológicos sem abandonar as capacidades que tornam a mente humana única.

Da máquina de escrever à inteligência artificial, a evolução continua. Cabe a nós decidir se ela será apenas tecnológica ou também humana.

Baltazar Serra Branca



O que o silêncio sabe

Descobri, com o tempo, que o silêncio não é ausência. É presença que não precisa de palavra.

Há dias em que a casa fica quieta demais. Nenhum som atravessa o ar, nenhuma voz interrompe o pensamento.

E, no início, isso incomoda. Porque fomos ensinados a preencher tudo: o espaço, o tempo, a conversa. Como se o vazio fosse um erro a ser corrigido imediatamente.

Mas o silêncio não é erro. É convite.

Quando tudo se cala, algo dentro de nós começa a falar. Não alto. Não com pressa. Mas com uma verdade que não aceita distração.

Talvez seja por isso que evitamos o silêncio. Ele não nos permite fugir.

No barulho, conseguimos escapar. Mas no silêncio, somos obrigados a ficar.

Ficar com aquilo que adiamos. Com aquilo que escondemos. Com aquilo que ainda não tivemos coragem de olhar.

E não é fácil. Porque o silêncio não responde — ele revela.

Outro dia, sentei-me sem fazer nada. Sem livro, sem celular, sem desculpa. Apenas fiquei.

E, aos poucos, algo mudou. O incômodo virou atenção. A atenção virou escuta. E a escuta virou compreensão.

Percebi que há coisas que só aparecem quando paramos.

Vivemos correndo atrás de respostas, quando talvez o que nos falte seja apenas parar o suficiente para ouvir.

O silêncio não resolve a vida. Mas mostra onde ela está.

E, às vezes, isso já é tudo.

Gilson Pónthes

9



O Sabor do Wi-Fi

(por Bernivaldo Carneiro)

Em 2015, boa parte do sertão nordestino não sabia se Wi-Fi era tecnologia, doença ou remédio para verme. Ao passo que Totonho Megabyte — residente em Fortaleza — já vivia conectado. Não pronunciava direito o termo Wi-Fi, mas, como ocorre com muitos apaixonados, pouco importava o nome; o que valia era o acesso.

Após seis longas horas de estrada, desde a capital, a equipe parou para almoçar no mercado público de uma cidadezinha dos Inhamuns.

Enquanto os colegas solicitavam pratos fumegantes, Totonho percorria o ambiente com o celular na mão, como um garimpeiro moderno à procura de um tesouro invisível.

— Senhora, qual é o Raifai daqui?

Dona Chiquinha da Buchada — que desde então viu seu sobrenome ser trocado por “Offline” — ergueu os olhos, enxugou as mãos no avental e respondeu sem vacilar:

— Meu fio, aqui nós não trabaia com esse tal de raifai, não. Os pratos que nós serve é sarapatel, buchada, panelada, mão de vaca e galinha caipira... que já acabou.

Totonho insistiu:

— Não, senhora. Quero saber da internet.

— Ah! Internet, eu não sei. Mas, se tá com muita fome, é mior uma pratada de buchada. Já tá pronta e deve ser mais saborosa e de sustança que eixes tal de raifai e internet.

A resposta parecia valer mais que qualquer sinal de rede, porque enquanto o mundo corria atrás de nuvens digitais, Dona Chiquinha Offline reinava entre panelas absolutamente reais. Tempo em que Totonho Megabyte procurava satélites que sequer sabiam da existência daquele pedaço de sertão.

Enfim, conexões que esbarravam na distância que as separava porque ali não havia Wi-Fi nem mesmo à lenha e à manivela.

FESTAS JUNINAS

Por: Pedro Blum

As festas juninas chegaram,
Cheias de encanto e emoção,
Cantaremos muitas cantigas
Ao som da sanfona e do violão.

Com fogueira e arrasta-pé,
Canjica, milho-verde e mungunzá,
Calça toda remendada,
E camisa xadrez para festejar.

A quadrilha está formada,
Todos invadem a quadra,
Para sorrir, brincar e dançar,
Numa alegria
que não tem hora de acabar.

Fiz estes versos de coração,
Enquanto tomava um quentão,
Que trouxe calor e inspiração
Nesta linda festa de São João.

E enquanto a fogueira brilhar,
Todo ano vou participar,
Pois a magia das festas juninas
Sempre me faz sonhar.



BENEVOLENTE

**Estou contente por
pessoalmente te ver
neste instante em que o
mundo se prende
e nossos sonhos vêm florescer**

**e contigo sonhando nesse
conto fantástico
agora estou te abraçando e tu
estas me olhando
teus olhos falam de um desejo
onde o amor é um ensejo**

**porque me quer solene, neste
espaço onde somos um
as palavras dançam, o coração
juncam, em harmonia
como um doce Benfazejo.**

Ana Lessa

ESPELHO

**Aqui estou eu de
novo, olhando
para o espelho novo
que meu avô
comprou.**

**Brilhante e limpo,
um presente nobre,
que a luz da tarde
suavemente
iluminou.**

**E o que se passa em
minha mente?**

**Um turbilhão
sereno, um ser
presente.**

**Vejo a face que o
tempo moldou,
e tudo aquilo que
em mim se revelou.**

**No reflexo encontro
histórias vividas,
sonhos guardados,
chegadas e partidas.
Entre marcas e
lembranças que
ficaram,
vejo os caminhos
que me
transformaram.**

Ana Lessa

12

ENTRE LENDAS E VERDADES

A Luz da Lagoa

Por Gilson Pónthes

Foi numa pequena comunidade do interior do Ceará que surgiu uma história contada até hoje pelos mais antigos. Em noites de lua cheia, uma luz misteriosa aparecia sobre uma lagoa cercada por carnaúbas. Alguns diziam que era apenas o reflexo da lua nas águas calmas. Outros juravam que a luz se movia sozinha, mudando de lugar como se procurasse alguma coisa.

Conta-se que, muitos anos antes, um vaqueiro havia desaparecido naquela região durante uma forte tempestade. Nunca encontraram seu paradeiro. Desde então, a luz passou a ser vista com frequência.

Certa noite, um grupo de jovens decidiu desvendar o mistério. Munidos de lanternas e coragem, caminharam até a lagoa.



Ao se aproximarem, a luz surgiu novamente. Brilhava intensamente e parecia flutuar sobre a água. Os rapazes correram em sua direção, mas, quanto mais se aproximavam, mais distante ela parecia ficar. Assustados, voltaram para casa sem respostas.

Anos depois, estudiosos explicaram que fenômenos naturais, gases liberados pela vegetação e condições atmosféricas especiais poderiam produzir luzes semelhantes. Para muitos, o enigma estava resolvido.

Mas os moradores mais antigos continuam sorrindo quando ouvem essa explicação. — Pode até ser — dizem eles —, mas quem viu de perto sabe que havia algo diferente naquela luz. Era um fenômeno da natureza ou o espírito inquieto do velho vaqueiro procurando o caminho de volta? Ninguém sabe ao certo. E é justamente aí que esta história encontra seu lugar: entre lendas e verdades.

Olha a Cobra, É Mentira!

Letra/música: Gilson Pónthes



**Cheguei na festa animado,
com o chapéu e o gibão,
todo mundo de mãos dadas,
já começa a animação.**

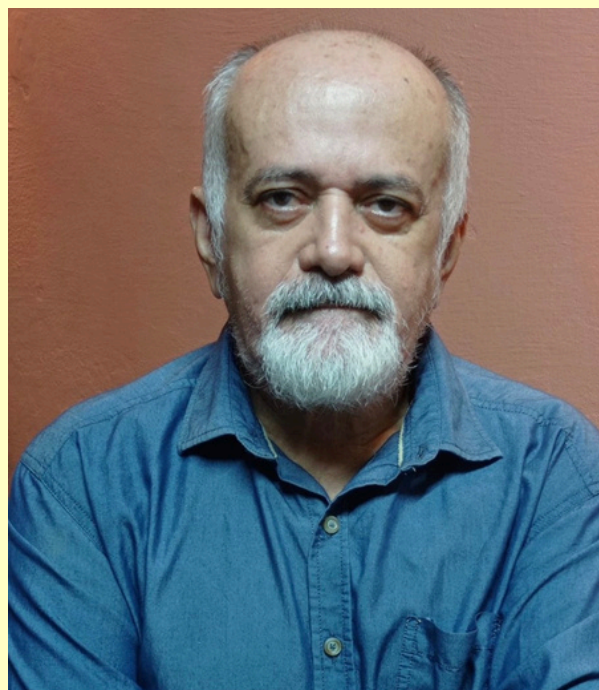
**Dois passinhos aqui, dois
passinhos pra lá, é a festa, é
o forró, é a quadrilha a embalar.**

**Olha a cobra, é mentira,
segue o trio a tocar, no
compasso dessa festa,
ninguém quer mais parar.**



**Até o próximo ano, na
fogueira vou lembrar, que o
forró de quadrilha faz o
coração dançar.**

Marcelino Luis



Minibiografia

Natural de Beberibe-CE. 66 anos. Professor aposentado de Língua Portuguesa com Especialização em Gestão Escolar pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Discorrer com rimas e por escrito sobre sua terra, seu povo e questões variadas da vida, são temas dos quais gosta de tratar em suas produções. Participou de 20 antologias. É confrade da Academia de Letras do Litoral Leste Cearense (ALLILC).

Isso é Cachaça?

por Marcelino Luis



Clóvis, assessor municipal, era da maior confiança do senhor prefeito. Este sempre que precisava, convocava-o para missão importante.

– Clóvis, vou viajar a Brasília. Preciso que você me represente num evento na comunidade Lagoa Azul. Só lhe peço uma coisa: não beba!! Sabe-se que Clóvis apreciava uma boa cachacinha, daí a preocupação do senhor prefeito.

O gestor municipal havia combinado com Estêvão, outro assessor, que este ofereceria cachaça ao Clóvis para testar sua fidelidade ao prefeito, que estaria por perto, escondido, pronto para flagrá-lo tomando a cachaça.

– Clóvis, vamos tomar uma antes de começar o evento!

– Estêvão, não posso. Prometi ao prefeito que não beberia.

Estêvão, experiente, muito esperto, insistiu com muita lábia e convenceu Clóvis a ingerir a maldita.

Após tomar àquela dose o senhor prefeito aparece rapidamente e grita:

– Clóvis!! O que foi que eu te pedi?

O arrasado assessor, encabulado e sem graça, solta essa:

– Estêvão, isso é cachaça?

Todos caíram na gargalhada.

Amigos da Onça

Marcelino Luis

O extenso quintal da Casa Paroquial da nossa amada Beberibe, nos anos setenta e oitenta, era repleto de árvores frutíferas: saptis, mangas, cajus, maracujás, seriguelas...

Estávamos na época das seriguelas.

Alguns galhos do maior pé de seriguelas da Casa Paroquial pendiam sobre o muro ao lado da Rua João Baltazar, isso facilitava para que os meninos acessassem a árvore e calmamente saboreassem as deliciosas seriguelas da casa do vigário.

Heleno e Edil, amigos presepeiros, armaram para o amigo Vivite. Tiveram a seguinte ideia: iriam os três roubar as desejadas seriguelas. Combinaram que o parceiro Vivite seria o primeiro a subir no muro e ter acesso a árvore. Para convencê-lo disseram que ele era mais esperto, inteligente, por isso teria que ser o primeiro a se aventurar.

Sabiam que Pe. Gerardo mandara podar os galhos que davam acesso ao muro na citada João Baltazar.

Assim aconteceu. Com ajuda dos comparsas, Vivite, que a princípio rejeitou a ideia de passar para a árvore, mas fora convencido pelos ‘amigos’. Subiu, e feliz da vida, começara a se deliciar das saborosas seriguelas.

Haviam arquitetado também que após o companheiro chegar ao pé de seriguelas, gritariam pelo nome da Marta. E impediriam que o colega retornasse ao muro.

- Marta, tem gente no quintal roubando seriguelas!!!

- Marta! Marta!

O adolescente aventureiro ficou desesperado, pois conhecia a fúria daquela senhora, guardiã do quintal paroquial.

Pediu socorro insistentemente aos amigos, já quase chorando, para voltar ao muro e poder escapar daquele sufoco. Heleno e Edil riam pra valer e quanto mais o amigo pedia ajuda, mais eles gritavam:

- MARTA! MARTA!

Marta com sua vara afiada, perseguia o ‘larápio’ trepado no pé de seriguelas, tentando acertá-lo, feri-lo, a fim de dar-lhe uma boa lição!

Vivite não teve outra saída: pulou do pé de seriguelas e saiu em disparada pelo quintal e Marta em seu encalço por quase todo o quintal com a vara na mão, que, por sorte, não conseguiu pegá-lo, uma vez que, de maneira muito rápida, alcançou o muro e conseguiu escapar.

Os “amigos da onça” o aguardavam, sem seriguelas, do outro lado do muro. Ao avistá-los vociferou furiosamente com os dois, mas alguns dias depois, tudo voltava ao normal.

Naquelas épocas dos anos setenta e oitenta, não rompíamos as amizades. E com certeza se voltaria no ano seguinte ao pé de seriguelas da casa paroquial.

 **Desafio ao leitor:
Quantas palavras você
consegue formar usando apenas
as letras da palavra**

LITERATURA?

30 Palavras	30 Palavras	30 Palavras
30 Palavras	30 Palavras	30 Palavras
30 Palavras	30 Palavras	30 Palavras
30 Palavras	30 Palavras	30 Palavras
30 Palavras	30 Palavras	30 Palavras
30 Palavras	30 Palavras	30 Palavras
30 Palavras	30 Palavras	30 Palavras
30 Palavras	30 Palavras	30 Palavras

Confira as respostas na página 20.



Aline Pontes
MÉDICA VETERINÁRIA

Atendimento veterinário
domiciliar para cães e gatos

Nossos serviços:

- Consulta Clínico Geral
- Consulta Geriátrica
- Consulta Pediátrica
- Exames laboratoriais
- Aplicação de medicamentos
- Vacinação inicial e anual
- Atestado de saúde animal



(85) 98745-0184



@alinempvet



No conforto do seu lar 🏠

Serviços Editoriais



O seu livro
em boas mãos

CRIAMOS SEU
LOGOTIPO

- Capas/Orelhas
- Layout
- Revisão Gramatical
- Ilustração
- Prefácio/Apresentação
- Posfácio/Texto Contracapa

CONTATO:

85 99648-2199

85 99798-7805